



EXPOSIÇÃO
PARQUE DA DEVESA
PERCURSOS
| CASA DO TERRITÓRIO |

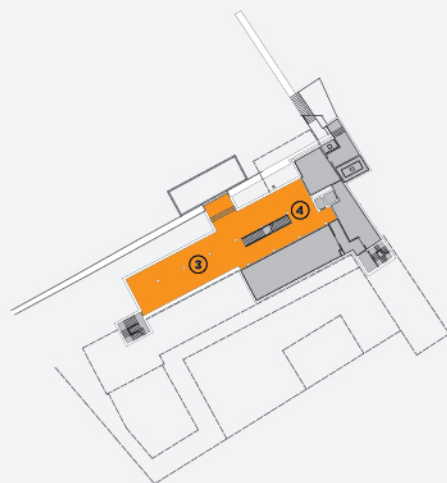


PARQUE
DA DEVESA

EXPOSIÇÃO
PARQUE DA DEVEZA
PERCURSOS
|CASA DO TERRITÓRIO|



PISO 0
1 | DEVEZA REGENERAÇÃO
2 | DEVEZA NATURAL



PISO -1
3 | DEVEZA RURAL
4 | DEVEZA PATRIMÓNIO

TERRA NOBRE

O Parque da Devesa é uma das maiores obras de sempre de Vila Nova de Famalicão. É um projecto estruturante que alavanca o concelho para um novo patamar de desenvolvimento e de bem-estar.

As suas várias dimensões – ecológica e ambiental, cultural, desportiva, – abrem um leque imenso de potencialidades que proporciona mais qualidade de vida para os cidadãos.

Os caminhos que levaram e possibilitaram a concretização de um desafio desta dimensão, há tantos anos sonhado e desejado por várias gerações de famalicenses, devem naturalmente ficar registados para memória futura, e daí a razão da exposição “Parque da Devesa: Percursos”, inaugurada no mesmo dia em que se entrega o parque ao domínio público. Este é um espaço nobre do concelho. Durante muito tempo foi cuidadosamente cuidado e acarinhado por várias famílias, que aqui possuíam as suas quintas e amanhavam estas férteis terras. O espaço é agora de todos os famalicenses, estando ao serviço do seu bem-estar. É esse o produto principal que a partir de agora germinará neste território. Cuidemos dele com o mesmo carinho dos antepassados, para que a colheita seja rica e duradoura.

Armindo Costa

Armindo Costa, Arq.
Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

DEVESA REGENERAÇÃO URBANA



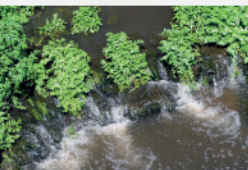
Devesa: Regeneração Urbana apresenta o processo de implementação do Parque da Devesa na cidade de Vila Nova de Famalicão. Tendo por base as propostas existentes para a definição da ESTRUTURA **ECOLÓGICA** e diversos exercícios de **PLANEAMENTO**, a implantação do parque enquadra-se numa **PARCERIA PARA A REGENERAÇÃO URBANA**, impulsionada por uma medida de financiamento comunitário. Aposta-se na criação de uma **NOVA CENTRALIDADE** focada na **INTERVENÇÃO** numa área expectante da cidade e com uma estratégia orientada por uma visão baseada na afirmação de três forças – EIXO **ECOLÓGICO**, EIXO **CULTURAL**, EIXO **CONHECIMENTO E INOVAÇÃO**.

DEVESEA NATURAL

Os PARQUES devolvem a natureza à cidade tornando mais aprazível a vida dos cidadãos através da contemplação e do contacto com a natureza, da prática de desporto ao ar livre e do convívio, com uma consequente melhoria na saúde física e mental. São também veículos fundamentais para a sustentabilidade, preservação da natureza e melhoria da qualidade ambiental das cidades, que recriam ecossistemas próprios em que todos os elementos estão interligados numa teia de vida em equilíbrio dinâmico.



ÁGUA



SOLO



FLORA



FAUNA



ÁGUA

A ÁGUA é um património natural comum e um bem precioso para toda a vida na terra: sem água não existe vida. Embora a quantidade total de água na terra seja constante, os recursos de água doce estão hoje sob ameaça de escassez. É essencial cuidar dos nossos rios, lagos e charcos de modo a preservar e mesmo aumentar os recursos de água doce limpa.

SOLO

O SOLO é um meio vivo e dinâmico que sustenta a vida terrestre e as atividades humanas. Não é um recurso renovável, pois são precisos séculos para se formar 1 cm de camada de solo; mas um mau uso pode fazê-lo desaparecer em poucos anos. Preservar o solo e contribuir para manter ou aumentar a quantidade de matéria orgânica nele incorporada é ajudar a garantir a biodiversidade e a sobrevivência de gerações futuras.

FLORA

A FLORA é um recurso de valor incalculável em que cada planta tem um contributo fundamental para a biodiversidade dos diferentes ecossistemas. A vegetação existente no parque funciona como filtro ambiental, fomenta a regulação térmica, reduz a velocidade dos ventos, combate a erosão, atrai, protege e alimenta a fauna e proporciona harmonia paisagística, caracterizando também estruturalmente o espaço. A flora, ícone do património natural de uma região, é por si só testemunha silenciosa dos tempos e da história do homem.

FAUNA

A FAUNA é essencial para a sustentabilidade e preservação das áreas naturais. Cada animal tem a sua função específica na natureza e na manutenção do equilíbrio dos ecossistemas, e a sua ausência acarreta prejuízos incalculáveis. Os animais dispersam sementes de árvores, controlam populações de outras espécies, adubam a terra e ainda produzem medicamentos importantes para a cura de muitas doenças.



DEVESA RURAL



*Dai-me a casa vazia e simples onde a luz é preciosa.
Dai-me a beleza intensa e nua do que é frugal.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

A Devesa Rural abarca a história da vida privada das famílias a quem pertenceram as quintas de Vilar, Lameiras e Sinções, situadas no perímetro ou na proximidade do parque. Originárias de Barcelos (Família Ferreira de Macedo) e do Porto (Famílias Silva e Castro e Fonseca e Gouveia), vieram para Famalicão quando ainda era uma pequena povoação e aqui constituíram família, adquiriram propriedades, ganharam prestígio e influência junto da comunidade local. O elo de ligação à terra, transmitido pelos seus antepassados, quebrar-se-á apenas na primeira metade do século XX, quando a vila de Famalicão conhece os seus primeiros planos de urbanização.

QUINTA DAS LAMEIRAS FAMÍLIA FERREIRA DE MACEDO

A Quinta das Lameiras foi propriedade da Família Ferreira de Macedo durante mais de dois séculos. O Capitão de Ordenanças Álvaro Ferreira de Macedo (1666-1738), natural de Barcelos, instalou-se no lugar das Lameiras a seguir ao seu casamento com Maria de Sá Tinoco, filha do padre Jerónimo de Sá, de Gavião. A partir desta união deu-se início a uma sucessão de sete gerações que nasceram, viveram e morreram na Casa das Lameiras. A casa, tal como hoje a vemos, sofreu várias transformações, sobretudo ao nível do espaço envolvente. Por um portal, na Rua Alves Roçadas, encimado com a pedra de armas da Família Ferreira, entrava-se para um amplo jardim com um lago. Ao fundo do caminho que atravessava o jardim erguia-se a casa e a capela. Com a urbanização do terreno ocupado pelo jardim, a seguir à venda do imóvel no ano de 1939, a visibilidade do conjunto ficou profundamente afectada.



QUINTA DE VILAR FAMÍLIA SILVA E CASTRO

A Quinta de Vilar terá sido comprada pelo advogado português Dionísio da Silva e Castro (1729-1806) por altura do seu casamento com Joana Pereira da Fonseca, em Agosto de 1767. No final de 1925, José da Silva e Castro, neto de Dionísio, não tendo descendentes a quem transmitir o património familiar, vendeu a quinta. A edificação da primitiva casa de Vilar remonta à última metade do século XVIII. A casa apresentava dois pisos e uma escadaria, com guarda de cantaria e voluta de arranque, que conduzia ao andar nobre. A fachada, voltada para os terrenos de lavradio, tinha quatro janelas de sacada, seguidas de quatro mais pequenas com portadas de madeira. Na fachada oposta, de frente para o jardim, com um tanque, pouco profundo, a formar um espelho de água, abria-se um alpendre suportado por pilares de granito.



QUINTA DE SINÇÕES FAMÍLIA FONSEÇA E GOUVEIA

José Vicente da Fonseca e Silva e Gouveia de Almada (1748-1824), tesoureiro-mor da alfândega do Porto, e a sua segunda mulher Rosa Emília Rossi, filha do vice-cônsul da Sardenha no Porto, foram os primeiros membros da família referenciados como proprietários da Quinta de Sinções. Em Abril de 1868, as casas de Sinções e de Vilar ficaram unidas pelo casamento de Mariana, neta de José Vicente de Almada, com José, neto de Dionísio da Silva e Castro. Da Casa de Sinções, outrora uma das mais pitorescas da vila de Famalicão pela singularidade da sua construção, pouco mais restam, para além das suas ruínas, do que as paredes-mestras de um dos corpos. Apesar de desvanecida a imagem de outros tempos, ainda se reconhece a cozinha equipada com uma lareira, portadas de janelas, algumas portas e parte do corrimão das escadas principais.



DEVESA, PATRIMÓNIO



Igreja de Santiago de Antas

PATRIMÓNIOS DE SEMPRE

Ocupando uma localização privilegiada soube, desde tempos remotos, tirar partido da mesma, controlando os eixos viários que a atravessavam. No período romano, um destes eixos, serviu, numa estratégia político-militar, para assegurar o domínio territorial. O mesmo eixo foi reutilizado na época medieval, pelos peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela. A Igreja de Santiago de Antas localizada nas proximidades deste eixo, ganhou relevância pela assistência aos peregrinos dos Caminhos de Santiago. Durante a Idade Média, existiu uma estreita relação entre a rede viária, as Pontes (enquanto estruturas complementares da viação) e as Feiras. Fruto do foral outorgado D. Sancho I (em 1205), Vila Nova de Famalicão passa a poder ter a sua feira, quinzenal, fator imprescindível ao seu desenvolvimento.



DEVESA ANTÍQUA

O recurso a engenharias, simples ou complexas, como auxílio na transposição de cursos de água é recorrente um pouco por todo o concelho. As pontes, enquanto estruturas complementares da viação, são autênticas obras de arte, testemunho do aguçado engenho do homem.

IGREJA DE SANTIAGO DE ANTAS

Datada de meados do século XII, possui um património fundiário rico e extenso. Conserva ainda hoje características do românico como no interior, o arco triunfal; no exterior, a porta sul, a cachorrada, bem como a cruz na empena da abside. É classificada como Imóvel de Interesse Público, desde 1958.

PONTÃO DE ANTAS

Composto por um só arco em granito, de diretriz tendencialmente circular e sem guardas laterais, terá surgido na Idade Média, fruto da necessidade de transportar o rio Pelhe. Repousa atualmente na margem direita do rio.



Marco miliário da Devesa



Pontão de Antas

DEVESA ARCHEOLÓGICA

Na época romana, o atual concelho de Vila Nova de Famalicão foi atravessado por uma importante via que, vinda desde *Lulia Olisipo* (Lisboa) e com destino a *Bracara Augusta* (Braga), auxiliava num efetivo domínio e exploração dos territórios. Como testemunho da passagem desta via documentam-se 11 marcos miliários, dos quais 7 resistiram até à atualidade. Para além da sua inegável importância arqueológica, os marcos miliários também tiveram um papel fundamental na construção e manutenção de relações sociais entre investigadores, nos finais do século XIX.

MARCO MILIÁRIO DA DEVESA

Em granito, possui uma forma aproximadamente cilíndrica. Com 175 cm de altura e 65 cm de largura, constitui apenas 75% da sua dimensão original, encontrando-se fragmentado. Depois de um trajeto algo sinuoso, foi salvo, em finais do século XIX, por José da Silva e Castro, então proprietário da Quinta de Vilar, hoje espaço do Parque da Devesa. Por ser parte integrante da lista de miliários do Padre Martins Capela, é Monumento Nacional, desde Junho de 1910.



TÍTULO | Parque da Devesa: Percursos

ORGANIZAÇÃO | Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

COORDENAÇÃO GERAL | Emília Nóvoa Faria

PESQUISA, SELEÇÃO E CONCEÇÃO DE CONTEÚDOS | Ana Silva | Andreia Mafra | Bruno Matos

Emília Nóvoa Faria | Francisca Magalhães | Francisco Jorge | João Machado | Lia Cardoso | Manuela Araújo

Manuela Marinho | Marisa Moreira | Nelson Pereira | Raquel Bragança

DESIGN | MCS Design

FOTOGRAFIA | António Freitas

ILUSTRAÇÃO | Bruno Matos | David Silva | Pedro Lima

IMPRESSÃO | MCS Design

LOCAL | Parque da Devesa – Casa do Território

HORÁRIO | De 2.ª a sábado, das 10h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00

CONTACTOS | Tel. 252 301 740 | Fax 252 301 749 | www.parquedadevesa.com

SET. 2012

